

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO

Dirêtor ADILCÍO DE PAIVA

Propriedade de J. DA SILVA ORAÇA, Lda



Redação, Administração e Oficinas—R. do Século, 45—Lisboa



VAIDADE JUSTIFICADA

«Consta que Portugal será encarregado de administrar uma colónia ex-alemã».
(Dos jornaes).



— Obrigado, cidadão Clémenceau. Até que enfim se faz justiça ás minhas qualidades de bom dono de casa!



PALESTRA AMENA

Assucar e castanhas piladas

Acabamos de adquirir n'um estabelecimento do bairro alto uma coisa de que não tínhamos a menor necessidade: um quilo de castanhas piladas, apesar de emburrarmos em geral com as castanhas e em especial com as piladas, porque a nossa dentadura já não tem a resistencia necessaria para taes durezas.

Extranharão, decerto, que não gostando nós de castanhas piladas nem as desejando, as tivéssemos adquirido. Pois é verdade: entrámos ha pouco n'uma mercearia e saímos com dois embrulhos, um dos quais continha a mercadoria acima referida e que é da nossa particular embirração.

Acaso nos teria atravessado o cerebro um raio de loucura, o que não seria muito para admirar depois dos abalos por que a nossa pobre massa encefalica tem passado ha dois mezes para cá? Não; felizmente as nossas faculdades acham-se n'aquelle estado de desequilibrio manso que todos conhecem e nenhuma manifestação de acrescimo de idiotismo a tem ultimamente afê-tado.

O caso foi o seguinte: atormentados pelo delirio das grandezas, tivemos o inconcebivel desejo de tomar uma xícara de chá com assucar, para o que nos achavamos na posse d'algumas folhinhas do celebre arbusto, já fervedas cinco vezes, mas para o que nos faltava o precioso produto da cana sacarina ou da raiz de beterraba, segundo a sua proveniencia. E como a ambição fosse em nosso espirito mais forte do que a prudencia, saímos de casa n'um estado de anciedade difficil de compreender por quem nunca sentiu desejos imoderados, e dirigimo-nos á mercearia da esquina da nossa rua, pois que na vitrine do dito estabelecimento havíamos notado, ao passar, que se ostentava um letreiro dizendo *Vende-se assucar*.

Entrámos, pedimos 250 gramas — a nossa modestia! — do pósinho desejado e logo recebemos do caixeiro, com aquela amavel cortezia de besta, que reserva para os freguezes de pequenas compras, a afirmação de que estava disposto a satisfazer-nos a vontade, pelo preço da tabela, comtanto que comprássemos outro genero qualquer, por exemplo castanhas piladas.

Durante cinco minutos não conseguimos articular palavra, tanto era o espanto que se nos accumulava no gorgomilo. Não sabíamos que mais admirar: se a providencia das autoridades zeladoras do interesse publico, obrigando o mercieiro a não levar por um genero senão um preço que lhe garante lucro razoavel, se a intelligencia do mesmo mercieiro, conciliando o seu respeito pelas leis com o seu afan em enriquecer, obrigando-nos a carregar com uma mercadoria que lhe pejava a loja e na qual ganhava quinhentos por cento.

Desembuchámos apoz alguns esforços de garganta, como que a provocar o vomito, um respeitoso agradecimento, pagámos o assucar e as castanhas, e levámos para casa os dois cartuchos, um dos quais deliberámos conservar na sala, dentro d'uma redoma, para que fique aos nossos descendentes como documentação dum passado por muitos motivos glorioso.

Dizem-nos que de igual modo o mesmo mercieiro se tem visto livre d'outros monos não vendaveis, e que, acusado por alguém de não cumprir as prescrições legaes, está correndo processo por difamação contra o acusador, porquanto as repartições competentes não lhe encontram o minimo motivo para proceder; tem assucar á venda e não exige por ele nem um milavo a mais do estabelecido pelos sabios das subsistencias publicas.

J. Neutral.

Aproveitamento de aguas

Pela milesima vez os jornaes aconselham, para o nosso desenvolvimento industrial e agricola, o aproveitamento das quedas de agua e ainda d'aquelas que se não despenham. Muitos problemas teem, etêtivamente, a sua solução no mencionado aproveitamento, podendo até assegurar-se que quasi todos os nossos defeitos proveem do horror á agua.

—Oh! a irrigação do Alemtejo! dirá imediatamente o leitor.

Não, menino: o banho, a lavagem do corpo, eis aí o que falta a muita gen-



te, para dar tom á fibra e ativar todo o funcionamento do organismo.

E já agora expliquemos o diluvio, segundo o nosso modo de ver. Não foi para castigar os pecadores que Deus abriu as cataratas do ceu durante quarenta dias e quarenta noites; foi, precisamente, por vêr que os homens não se lavavam.

—Ah!—ele é isso, seus porcalhões? Pois hão de lavar-se, quer queiram quer não queiram!

E zás: diluvio universal; mas como os homens eram já n'esse tempo tão sujos como hoje, preferiram morrer afogados a banharem-se convenientemente.

Isto está a pedir outro diluvio, como pão para a boca.

Adeantamentos

Uma das medidas mais higienicas dos ultimos tempos foi a do adeantamento dos relógios, de tanto alcance que tendo sido decretada para a guerra continua na paz. O seu principal fim, durante a guerra, sabe-se que foi o atrapalhar os alemães, que esperando os combates dos aliados para determinada hora eram assim atacados de surpresa; agora, durante a paz, para que servirá tal providencia?

Para muito, seus ignorantes. Primeiro, para mostrar que os homens entram definitivamente no caminho da emancipação, não se subordinando á



marcha do sol, n'uma submissão que tanto os deprimia; segundo, porque ainda estamos em armistício e convem que o inimigo continue a ter medo de nós:—Eles que ainda adeantam os relógios, dirão os boches, é porque lá teem o seu fito! Terceiro, finalmente, porque imaginando nós que com o adeantamento da hora se poupa petroleo, deixamos realmente de o gastar.

Ha ainda, mas só para nós, uma quarta razão—e vem a ser a de que o nosso relógio se atraza invariavelmente 60 minutos em cada 24 horas, de modo que, adeantando-o, conseguimos que ele ande sempre certo.

Se não perceberam este quarto motivo do adeantamento, tenham paciencia: nem todos podem ser inteligentes.

Torre de ouro

(Inédito)

Nesta sepultura jaz
O Morgado de Fanhões,
D. Manoel de Faria
Almeida Camara Vaz
de Sampaio e Bulhões
Menezes de Albergaria.
Descance em eterna paz.
Padre Nosso, Ave Maria.

Desdenhando dos braços
resmungu a Filosofia:
De ossos se fazem botões...

Luiz Calado Nunes.



Livros, Livrinhos e Livrinhos

Antonio Nobre, por Albino Forjaz Sampaio—Trata-se de um livro irreverente, destinado a fazer zangar os admiradores do autor do *Só*. Com o direito que tem todos os criticos e não criticos, Forjaz Sampaio dissecou a obra do poeta com impiedoso escalpelo, não para lhe destruir as belezas mas para lhe condenar a intenção. O que tem agora a fazer os idolatras de Antonio Nobre é dissecarem a de Forjaz Sampaio; não ha obra nenhuma que não tenha por onde se lhe pegue.

Idéas novas, processos novos, por João Verdades, com illustrações de Rocha Vieira.—Trata-se de dois camaradas, pelo que não temos remedio senão ser de uma imparcialidade rigorosa e brutal: é um livro tão rico de idéas, como claro de estilo, a que dão realce numerosos desenhos, de um lapis felicissimo. Deve figurar em todas as estantes de quem se tenha por bom portuguez—o que muito dolorosamente afirmamos, porque, tratando-se de camaradas, teriamos imenso prazer em lhes darmos uma sova.

A policia reformada

Assistimos ultimamente a duas cenas de que nos apressamos a dar conta, com a alegria de quem vê, finalmente, as coisas publicas seguirem por bom caminho.

Na rua do Ouro. Um treseunte apressado pisa com força o calo do dedo grande do pé direito do guarda civico 12385.

O guarda:

—Peço a v. ex.^a mil desculpas por



ter colocado o meu pé debaixo do tacaõ da bota de vossa excelencia.

O transeunte:

—Você não via, sua besta?

O 12385, humilde:

—Não senhor, mas se vossa excelencia me quizer pisar mais algum calo, tenha a bondade de não fazer cerimonia!

O transeunte, afastando-se:

—E lembrar-me eu de que este maroto ainda não ha mez que me partiu um braço com um cavallo marinho!

A Engracia da Purificação, á janela

EM FOCO

Epitacio Pessoa



Permita-me o leitor que lhe apresente (Honra que não mereço, amigo caro) O nobre cidadão, talento raro, Que é do Brasil o novo presidente.

Não o conheço, é certo, pessoalmente, Mas isso não é causa de reparo; Sou tido no touvor por muito anaro Mas quando é justo expando-me contente.

Feita a apresentação por este jeito E pedindo desculpa da demora Lembra-me uma anedota a tal respeito:

—E quem é que apresenta, diz agora O leitor assombrado, este sujeito?
—Ninguém, nem é preciso; vou-me embora...

BELMIRO.

da cosinha, que deita para a rua da Rosa:

—O' 3268...

O 3268, cá de baixo:

—Engracia!

—Os patrões vão esta noite ao teatro. Cá te espero ás 10 horas.

O guarda, tímido:

—O' filha! não posso, porque sou agora muito bem comportado.

—Mas domingo vamos ao Jardim Zoológico, como de costume, não?

—Não, Engracia.

—Já não te lembras de que prometeste mostrar-me o hipopotamo?

O 3268, envergonhadissimo:

—Crédo! Depois do desarmamento, nem uma minhoca, quanto mais um bicho d'aquelle tamanho!

O dono da hospedaria, os criados e outras pessoas intrigadas, puzeram-se á escuta á porta do quarto e ouviram o seguinte monologo, entre gargalhadas estridentes:

—Ah! ah! ah! sou papa! ah! ah! ah! sou papa!

Avolumaram-se as desconfianças e os do grupo arrombaram a porta. En-



O «regente» na Moita

Contam os jornais que na Moita o povo quiz linchar um cidadão pacifico a quem tomou pelo Paiva Couceiro, desfazendo-se, afinal, o engano e não sofrendo o homem senão o susto.

Ora, segundo nos dizem da simpatica povoação ribatejana, o dito cidadão não era parecido de fisionomia com o referido caudilho, de modo que a analogia, tão grande que chegou a enganar os lucidos moitenses, deve procurar-se em parte diferente.

Narremos, pois:

Na estação do caminho de ferro da Moita apeou-se um sujeito desconhecido e dirigiu-se á vila, olhando, durante o caminho, repetidamente para traz. Começaram logo as desconfianças: porque não olharia o homem para a frente, visto que não era atraz que tinha os olhos?

Depois meteu-se na hospedaria e fechou-se no quarto a sete chaves. Porque se fecharia?

tão o hospede olhou em roda, esgazeado, e largou a fugir...

—Não ha duvida: este ato de coragem prova que é o Paiva Couceiro! gritavam.

O homem foi agarrado quando ia a atirar-se ao Tejo e chegava á mão do regedor um telegrama a prevenir que fugira de Rilhafoles um doido com a mania das grandezas.

Hão-de concordar que o engano foi justificadoissimo.

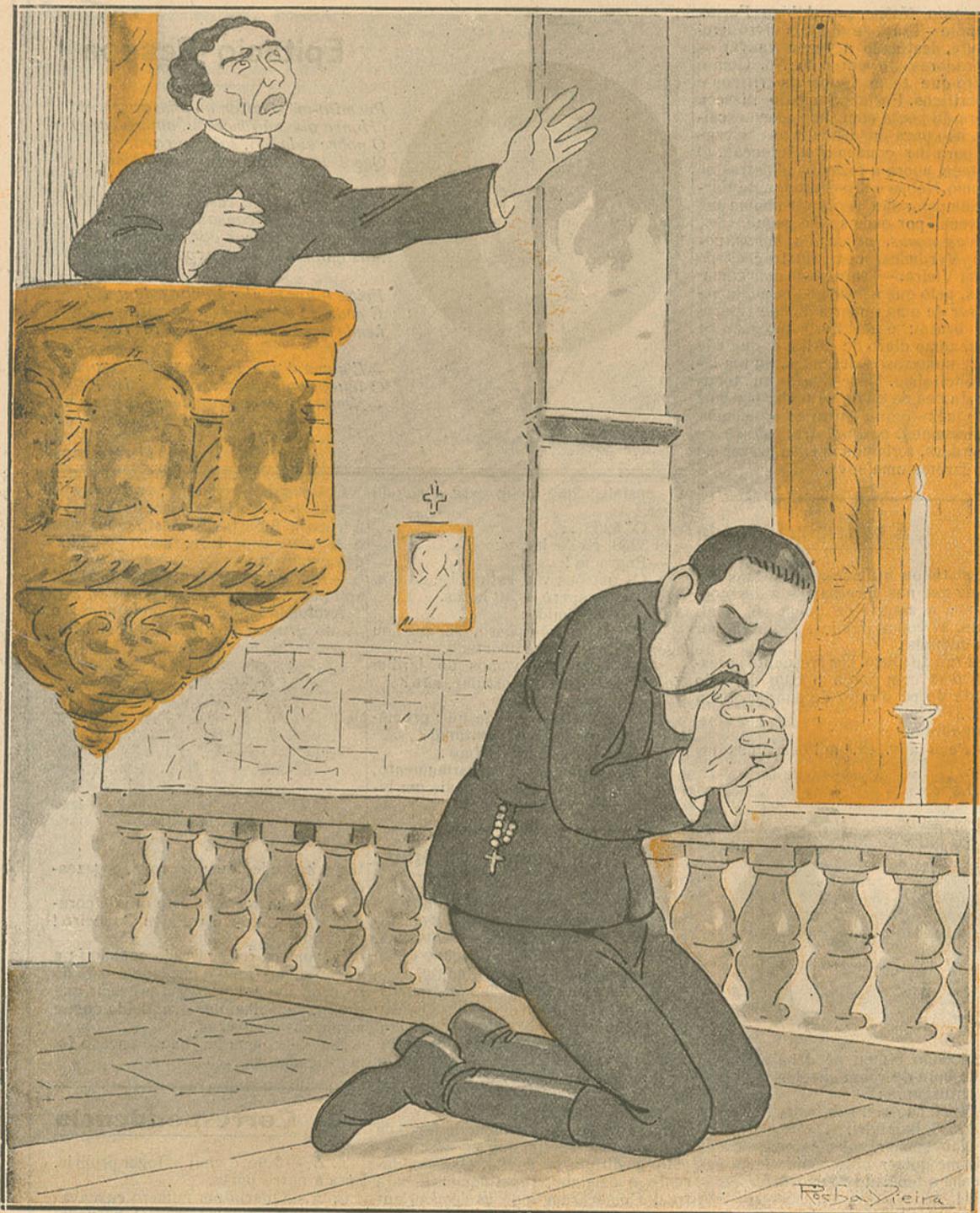
Correspondencia

A. B. — Não é aqui o logar proprio. Bata a outra porta.

C. R. — Querias um numero carnavalesco? Ora deixe-se d'isso; carnaval temos nós todo o ano.

L. Costa (Coimbra). — E' possível que publiquemos os seus versos, quando tivermos tempo e pachorra para os emendar.

CINZAS



ZÉ POVÃO:

— Não te lembraste, «regente», que eras pó e que em pó te havias de tornar!